VISLUMBRE DO EXTRAVIADO

Edson Andrade

Para Carla Luciane Bordignon, Maria Regina Tocchetto de Oliveira, Ana Míriam Wuensch, Robson Ramos dos Reis. Meus amigos de Santa Maria nos anos 80.

Conta-se que uma assistente da exposição apontou horrorizada para *Mulher de chapéu* e, indignada, disse a Matisse: "Não existe uma mulher com o nariz amarelo!", ao que o pintor respondeu: "Não é uma mulher, senhora. É um quadro!".

Índice

Livro I: O mundo em geral. 9.

Livro II: Sentido e identidade da vida. 33.
1. Teoria do sentido criado-absoluto. 33.
2. Teoria do sentido e do não-sentido da vida. 40.
3. Teoria do ser criado-absoluto. 55.
4. Vida como totalidade. 60.
5. Sentido da vida. 76.
6. O pessimismo radical. 107.

Livro III: A identidade do eu. 127.
1. Identidade do eu, conflito interno e conflito externo. 127.
2. O eu e o mundo exterior. 151.
Novas identidades do eu. 156.
3. Teoria das harmonias. 156.
4. O "erro" positivo. 163.
5. Pequeno tratado sobre a mentira. 169.
6. Observações. 177.

Livro IV: Morte e imortalidade. 179.
1. Morte modificadora e morte modificada. 179.
2. A dimensão otimista da morte. 212.
3. Ensaios para resolver o problema da morte. 217.

Livro V: Velhos problemas. 251.
1. Mundo das essências. 251.
2. Liberdade como encrenca. 260.
3. Deus: uma idéia simples demais. 274.

Livro VI: A identidade do homem. 282.
1. Selvagem e civilizado. 282.
2. O homem "é" desejo. 317.
Novas identidades do homem. 332.
3. O homem como ser positivo. 332.
4. Contra o homem universal. 340.
5. A importância do indivíduo, do homem e da Terra. 359.

Livro VII: Metafísica e ciência. 368.
1. Teoria da verdade como cópia-abstrata. 368.
2. Verdades e ficções. 381.
3. Metafísica e ciência. 401.

Livro VIII: Ética. 414.
1. Ética com fundamento. 414.
2. Pensamentos éticos. 421.
3. A essência ética platônica e a ética como idéia. 447.
4. Ética sem fundamento. 455.
5. O círculo ético. 459.

Livro IX: Populares, humores e pessimismos. 461.

Livro X: Algumas relações. 506.

Prefácio

O conceito de vida como totalidade dos acontecimentos é em si mesmo absurdo. Então, qual seria essa outra totalidade que denominamos de vida?

O conceito de homem (a humanidade, a igualdade humana) obriga todo o homem particular a ser participante do que cada outro homem fez e faz. Quem age é o homem. O que o outro faz é o que o indivíduo faz porque é o homem quem age e não somente cada um dos indivíduos. Tal conceito produz uma série de problemas inúteis. Como descartá-lo sem atingir as exigências de justiça social?

O conceito de vida é o fundamento do pessimismo, mesmo que o próprio otimismo se utilize dele, mesmo que essa totalidade não seja explicitamente quantitativa. O conceito de homem também é o fundamento do pessimismo e da depressão intelectual. Essa duas totalidades, a vida e o homem, devem ser analisadas em seus conceitos básicos antes mesmo de serem criticadas e recusadas. Não podemos defender o oposto, pulverizando a vida e reduzindo a humanidade a indivíduos.

O conceito de eu, como uma substância que percorre a vida, é um absurdo reconhecido pelos filósofos. Contudo, o conceito oposto, a negação de todo o eu também o é. Existe algum conceito que supere a identidade sólida do eu e a pluralidade

empírica, transformada sofisticamente em realidade metafísica? Aqui o pessimismo está nos dois lados. Contudo, o tema de uma identidade, de uma unidade, de uma totalidade permanece o mesmo.

O conceito de morte é quase sempre apresentado como negação da vida. Contudo, a morte também é o fundamento da vida (autêntica). E a morte pode ser apenas uma ilusão de negação. Talvez a morte possa ser vista como negativa, positiva e ilusória.

O conceito de liberdade é sempre tido como o alimento da felicidade e do sentido da vida. Ele é efetivamente a condição da vida feliz? Na verdade, ele conduz a muitos problemas. Tal conceito não poderia ser descartado? Sem atingir a concepção da vida.

O conceito de conflito humano inclui o conceito de exterioridade. "O inferno são os outros". Contudo, é possível delimitar o espaço do conflito somente a partir da relação com o outro?

O conceito de moralidade se perde totalmente se pensado como criação humana? Ele deve necessariamente ter uma raiz em algo externo? Deus, a religião, a razão, o sentimento, as idéias inatas, etc.? É possível reconhecer a criação da ética sem temer o arbitrário e o relativismo?

O conceito de sentido da vida se relaciona com o conceito de vida, ou seja, com uma totalidade. O sentido dessa totalidade fica sempre obscuro se não temos o conceito de totalidade da vida. Também reconhecemos com muita rapidez o fato de que

se criamos o sentido da vida, então ele é subjetivo, oposto a um sentido absoluto (ou a um absurdo absoluto, ou a uma ausência de sentido absoluta). Por que um sentido criado não pode ser também absoluto? Antes de tudo, sequer o conceito de sentido possui alguma clareza. Ele está embaralhado com os conceitos de finalidade, significado, valor, prazer, bem, importância, causa, razão, porquê, etc.

Esses são alguns problemas que esse livro pretende explorar e solucionar, ou começar a solucionar.

É um livro de aforismos e pequenos ensaios sobre diversos temas e problemas filosóficos. Mas a exposição acima se não fornece uma unidade absoluta do livro (que ele não tem), pelo menos, dá um tom de unidade, de preocupação central.

Livro I: O mundo em geral.

1. As perfeições da natureza.

A surpresa com as harmonias (fins) do mundo pressupõe que assim não deveria ser. No fundo da surpresa pela organização de algumas partes da realidade, existe a crença de que o ser não deveria estar aqui. Por que, afinal de contas, o mundo não poderia ser? Por que, afinal de contas, o mundo não poderia conter alguns momentos de perfeição? Por que, afinal de contas, o mundo não poderia ser totalmente perfeito? Parece que o mundo não poderia ser, não poderia conter perfeições, não poderia ser totalmente perfeito. Daí a surpresa: o mundo é! Daí a surpresa: há seres ou partes de seres organizados! Daí haveria a surpresa: há perfeição! Inconscientemente, o homem parece saber que o ser não tem o direito de ser e surpreende-se que, não obstante todos os obstáculos, não obstante o ridículo, tenham deixado o mundo ser. O espanto é o germe da filosofia. Retornando aos primórdios da mente, o filósofo espanta-se: é, é mesmo! Porque esperava que nada fosse. Tal é o espanto, que o filósofo não se dá por satisfeito, quer saber a razão porque é aquilo que, por direito, fosse a lei aplicada, não seria.

Tal raciocínio é aplicável a todos os espantos pelas breves harmonias da natureza. Por que afinal elas deveriam surpreender?

Sua existência fere alguma lei? Por que elas não são esperadas? Está o homem mais habilitado para deparar-se com uma natureza caótica e má, escura e perigosa?

2. Conto Willian Wilson de Edgar Allan Poe: descrição do horror sentido pela semelhança com o outro. Não será verdade que o horror pelo semelhante é universal? Isso não explicaria com facilidade a individualidade nos homens? Não seria um bom princípio de individuação?

Não o desejo de diferença, mas o horror, obscuro, sem explicação, dado bruto, pela semelhança.

3. A legitimidade de parar o tempo.

Os historicistas acusam os metafísicos existenciais de viverem uma situação histórica como sendo uma condição natural. O sentimento de angústia pode ser entendido como produto de uma situação histórica dada. Ocorre, porém, que o indivíduo é também um produto social e histórico e, o que é mais importante, vive numa determinada etapa histórica. Sua existência não transcende a sua situação histórica.

Há certa legitimidade em parar o tempo porque o indivíduo só vive numa determinada faixa de tempo e espaço cultural, essa é sua imanência. Não lhe diz respeito, como existente finito temporalmente, se nas épocas anteriores não havia angústia, ou se em outras culturas não existe, ou se num

futuro possível (que transcende sua existência) não existirá mais.

A morte é uma realidade bruta. No futuro, a ciência pode descobrir a causa da morte e proporcionar ao ser humano, através da medicina, a imortalidade. Essa possibilidade não existe atualmente. Mas se, por contingência. ocorrer amanhã, a condição existencial do homem muda por completo.

Saber que a condição humana é histórica, social e cultural não é transcendê-la. Quem transcende é sempre o abstrato, o ser humano que não é ninguém em particular. O ser humano individual só pode viver a transcendência de sua condição se projetar sua vida como fase no caminho para um futuro transcendente. Neste caso, liga sua vida individual de modo essencial com o ser humano abstrato. Mas isso não faz o ser humano individual transcender a sua condição enquanto individual.

O homem é finito, o homem é indivíduo, e seria risível afirmar que será possível amar no futuro distante. Ele só pode imaginar a felicidade destes seres do futuro. Se a dor que sente tem a ver com as duas grandes guerras, ei-lo aqui, ainda dói. Depois de uma terceira guerra (atômica), não será mais difícil viver? Se em três mil anos, o mundo for mais feliz, isso prova que ele irá mudar, portanto, ele não é um mundo, por assim dizer, metafísico, já que não possui uma estrutura estática. Contudo, o indivíduo não viverá este mundo, já que viverá somente algumas décadas. O que quer

dizer que, sob a sua perspectiva, o mundo é estático. De nada adianta saber que o mundo irá mudar quando ele já estiver morto. E um mundo que poderá mudar, ou seja, cuja mudança é uma possibilidade.

O historicista está certo ao criticar a concepção estática de homem universal. Contudo, cada homem é um homem individual, encerrado nos seus limites histórico, sociais e culturais e, por isso mesmo, numa situação metafísica[1], ou seja, estática. O historicista talvez não afirme que exista um homem fora da história, uma essência ahistórica, mas relativiza um homem pretensamente estático ao referir-se a história.

O filósofo existencial erra ao congelar uma situação histórica, social e cultural, e pensá-la como condição universal do homem. O historicista erra ao não perceber que o contingente é absoluto, pelo menos na perspectiva da vida do indivíduo.

Supondo uma faixa de tempo qualquer, 50 anos, dentro do tempo da história. O indivíduo vive esses 50 anos. Então, sua vida se reduz a esses 50 anos e o que neles ocorre, o que neles é possível ou impossível. Esses 50 anos é o seu ser. O historicista introduz os 50 anos num tempo maior, e relativiza o que ocorre neles. E os refere ao tempo da humanidade. O metafísico existencial transforma os 50 anos no ser do ser humano, no ser ontológico. É também um

---

[1] **Ver Livro X, secção "O termo metafísica".**

erro, porque os refere ao homem universal a partir do homem concreto.

Os dois pensam sempre no homem universal, no homem abstrato, nunca no homem concreto, no homem real.

Para o homem real, o seu tempo é o tempo eterno, estático, imutável. Não devo dizer: "é como se fosse eterno". Nada disso, devo dizer: "é eterno". Só posso pensar nesse tempo como contingente se o comparar com o abstrato.

Há um lado trivial no que estou afirmando. As pessoas dizem: viver essa vida, ela é tudo o que há. Mas quero pensar algo mais. O ser presente, que é contingente, é eterno. O que o homem vive é o próprio real, eterno. Mas poderia mudar agora. Paradoxo! Como um ser que está no tempo é eterno (estático)? Como um ser que é estático pode mudar a qualquer momento? Paradoxo metafísico!

As pessoas que vivem a vida (digo: as que não pensam em outras vidas) não precisam resolver esse paradoxo. Mas o filósofo precisa.

A tese não se identifica com a tese existencial da finitude do ser humano. Sustento que o ser humano é finito no tempo e nada mais, e que sua vida é o que será nesse tempo. Não me refiro a uma finitude da natureza humana. A finitude do ser humano está mergulhada no tempo. Nem sequer aceito que a morte é ontológica. A medicina pode resolvê-la amanhã. Entretanto, não quero dizer que ela irá resolvê-la, basta apenas a

possibilidade, ou melhor, a não impossibilidade.

4. Criar um mistério é muito fácil. Escrevo numa folha em branco dois números e algumas letras. Criei um mistério insondável, que pode e terá infinitas interpretações.

O homem é um ser capaz de mistério. A importância deste fato para o conhecimento do homem é incalculável: o homem faz o mundo ser insondável.

E como talvez conhecer o ser seja morrer, a importância também é vital.[2]

Observação. Relacionar com a pergunta pelo sentido que nunca se fecha (Livro II).

5. Por que o pensamento ocidental é sério? Por que os físicos não teorizam sobre as cócegas que os átomos fazem uns nos outros? E as piadas, as histórias, as fofocas que contam uns aos outros? Por que isso não é sério? Talvez respondam que tais qualidades não teriam utilidade na explicação dos fenômenos e seriam seres

---

[2] **Talvez possa distinguir um mistério verdadeiro e um mistério falso. Algumas letras podem conter um oculto e verdadeiro mistério. Posso escrever letras arbitrárias por brincadeira, ao nível superficial, um simples jogo de letras, números e palavras, isto é, um falso mistério. A distinção é correta a um nível teórico. É impossível introduzi-la ao nível da vida humana, em que mistérios falsos e verdadeiros são dificilmente distinguíveis. E o desejo de mistério não pode ser determinado com facilidade como falso ou verdadeiro.**

multiplicados sem necessidade. Quanto a isso, não tenho nada a replicar. A resposta, no entanto, não toca a questão. Um pequeno pino incrustado em cada partícula talvez seja inútil e, ainda assim, sério. Logo, algo alegre poderia ser útil.

Por que o Big Bang não poderia ter como princípio uma cócega fundamental? Não! Foi uma explosão! O que a explosão tem de tão importante que não possa ser substituída por outro acontecimento? Afinal, por que não poderia ser uma explosão de humor, uma grande gargalhada? Que relação tem a explosão do Big Bang e a seriedade das explosões da primeira e segunda guerra mundiais?

Dir-me-ão: "A ciência passou muito tempo combatendo a antropomorfização da Natureza. Você quer retomá-la? Risos, cócegas são humanos, portanto, devem ser excluídos da explicação científica."

Em primeiro lugar, ser sério, ser frio, ser seco, ser mecânico (qualidades do mundo atômico), são também qualidades do ser humano.

Em segundo lugar, a Natureza mesma, em muitos dos seus movimentos, mostra graça e beleza de todo o tipo.

E os pré-socráticos? São tão sérios! E a metafísica ocidental? É tão séria! Por que o Sentido do Mundo não poderia ser uma piada? Não digo que seja, ou que não seja. Estou apenas acariciando um preconceito fundamental da humanidade.

6. A natureza é feita de seres que não morrem de amores pela comunicação. Os seres inanimados, os vegetais e os animais não têm muito a ver com a comunicação. Pelo menos é o que parece.

Os homens são, ou parecem ser, os únicos seres da natureza que poderiam se comunicar, mas a comunicação não é um dos seus objetivos primeiros. O egoísmo e a violência são bem intensos na sociedade humana.

Portanto, na lista dos candidatos aos fins últimos da natureza ou da humanidade, a comunicação deve ficar num dos seus últimos lugares. Ou no último. Ou ser cortada.

7. Por que o inconsciente deve ser sexual? Talvez o inconsciente seja palhaço. Pessoas normais, quando bêbadas, fazem coisas sem sentido. Anarquia, revolta contra a repressão, ou talvez revolta contra nada, apenas loucura, brincadeira, palhaçada.

8. Talvez os sonhos sempre ocorram. Por que afirmar que os sonhos somente ocorrem no sono? Se os sonhos podem ser inconscientes, se sonho mesmo sem me lembrar, então eles podem ocorrer a todo o momento, ininterruptamente. Eles podem ser considerados um filme constante a que às vezes acesso.

9. Teoria das faces.

A crítica do princípio da causalidade de Hume pode levar a representação de um

mundo sem causalidade. A seqüência dos eventos deve ser pensada sem nenhum recurso à idéia de seqüência causal. Essa nova seqüência pode ser pensada como voluntária (ao estilo de Malebranche) ou como um "filme" desde sempre composto (Leibniz). Nos dois casos, tenho a interferência de Deus, mas isso não é necessário. Basta pensar um "filme" dos acontecimentos totalmente natural.

Com essa representação posso pensar um mundo sem causalidade interna e mesmo sem causalidade inicial.

Posso inventar outra representação. Posso pensar numa seqüência de dados que se encontram lado a lado, numa fila. Por uma seqüência estabelecida, os dados mudam a apresentação de suas faces. A seqüência das faces é entendida de um modo causal pela mente humana.

O "nada" antes do aparecimento do mundo pode ser entendido como uma das faces de um ou de todos os dados.

10. Se parto do conceito de perfeição (o que não tem falta ou falha), posso dizer que nada é perfeito no mundo. Tudo deveria funcionar sempre bem e para toda a eternidade.

Isso é semelhante à idéia de que a ética radical é um jogo sujo. Partir do conceito de perfeição e chegar ao mundo para julgá-lo é um jogo sujo[3].

---

[3] **Ver ética como jogo sujo, no Livro VIII.**

11. Como podem existir os sonhos? O que eles são? Muitos pensadores escreveram sobre eles. Mas me refiro ao fato de que em minha vida não reflito muito sobre eles e não os incorporo a ela. É como se tivesse uma série enorme de experiências vitais e as ignorasse por completo.

É estranho que os sonhos façam parte de minha vida, mas que os deixe de lado. Na verdade os considero interessantes logo após acordar e fico pensando neles talvez por um breve momento do dia. Contudo, logo depois os esqueço. Não introduzo meus sonhos (com seus conteúdos e significados) em minha vida, apenas os ignoro. Minha vida é a vida em vigília e os sonhos não significam nada.

Não estou negando que os sonhos possam atuar de modo inconsciente na nossa vida, como Freud pensou. A minha pergunta é porque não introduzo os sonhos na minha vida consciente. O fato de que eles sejam loucos ou estranhos ao desenrolar da nossa vigília explicaria tamanha indiferença?

Também não estou negando que algumas raras pessoas possam levar mais a sério seus sonhos, mas esse fato parece uma exceção e não resolve a questão.

12. Não conheço a vida interior dos animais, somente o que observo deles. Há uma barreira que esconde esse mundo interior que ninguém pode negar que exista.

Não conheço a vida interior dos outros seres humanos, somente a conheço pela

linguagem e expressão corporal. Há uma barreira entre mim e os outros.

Não sei o que é a vida humana. Há teorias sobre ela. E a vida surpreende os meus conceitos a todo o momento. Há uma barreira entre mim e a essência da vida humana.

Não conheço o interior das plantas.

Não conheço o interior das realidades inanimadas. A química e a física fazem teorias sobre esse interior não observado, mas não sei se elas descrevem a verdadeira realidade.

Uma parte do mundo está escondida.

Isso não é um acaso!

Tudo se passa como se houvesse uma intenção ou desejo de que a realidade se ocultasse ao ser humano. Parece haver um plano fundamental de que a realidade se esconda da observação. Mas esse plano e essa intenção não existem. É uma ficção que auxilia a compreensão.

Talvez esse mundo escondido seja apenas um mito e talvez o que percebo e conheço do mundo seja o próprio mundo. Mas seria possível dizer que os outros não têm uma vida que não percebo? Seria possível dizer que os animais não têm uma vida que não percebo? Que não sentem alguma coisa ao brincarem entre si, coisa essa que me está vedada? Posso dizer que o que conheço dos seres inorgânicos é exatamente o que eles são? Parece muito difícil identificar o mundo com o que a mente humana percebe e conhece dele.

Volto ao ponto principal: tais ocultações não podem ser um mero acaso, uma mera coincidência. O que são?

Observação. Essa ocultação não é epistemológica, não se trata de afirmar que não conheço a coisa em si. Porque, por exemplo, a vida interior dos outros sequer me é dada como fenômeno. Eu poderia ter acesso ao mundo interior dos outros seres humanos como mundo fenomênico. O próprio Kant afirma que o conhecimento que tenho de mim mesmo (salvo o muito vazio de conteúdo "eu penso") é do eu fenomênico.

13. Comer é algo materialista ou algo religioso? A mesma pergunta cabe ao ato de comer dos animais.

14. Posso fazer metafísica relacionando o homem com todos os outros seres da natureza e aproximando o homem da natureza. Mas posso também conceber que um determinado ser é isolado dos outros, ou seja, em determinada fase dos seres, um ser se desligou dos outros e constitui um ser diferente. Isso não precisa ter nenhuma relação com níveis melhores ou piores de seres, mas somente diferentes.

15. Por que o conhecimento do ser do homem deve depender do conhecimento do ser de todas as coisas do universo? Mesmo que o ser do homem seja igual ou semelhante aos outros seres, talvez pudesse conhecer o ser do homem somente a partir dele.

16. O sistema solar e as galáxias só possuem seres inanimados. A raridade da vida, do sexo, da violência, etc. no universo, deve ser levada em consideração pela metafísica.

Não que se trate de um fato inquestionável, mas é uma sugestão que não deve ser ignorada.

17. Posso procurar o ser no que há de comum em todos os seres.

A maioria dos seres não é agressiva, não é viva, não faz sexo, etc. Não estou autorizado a especular sobre um ser agressivo.

Posso dizer que no homem houve certa ruptura ou salto, e que o ser dele deve ser investigado independente dos outros seres.

Ou, ao contrário, posso partir do animal que faz sexo, é agressivo, mata para comer, é violento, e entender o ser por tais características. E, depois, voltar-me para os outros e interpretar todo o universo (inclusive o inanimado) a partir dessa teoria. Todos os metafísicos que determinaram o ser como desejo, ou sobrevivência e luta, fizeram isso.

18. Escolher o ser.

Quando crio uma metafísica devo fazer uma escolha do ser principal e modelo do ser.

O universo é composto, em sua maioria, de seres inanimados. Eles seriam o ser? Seriam o modelo do ser? Produziriam uma

metafísica interessante ou entediante? A astronomia é entediante, mesmo que a física esteja repleta de explosões.

Escolheria o vivo?

Escolheria as plantas?

Escolheria o sexo, a violência, a animalidade?

Escolheria apenas o homem? Desvincularia o ser do homem dos outros seres?

Escolheria apenas o civilizado?

Escolheria um grupo de seres humanos? Pensaria um ser para eles e um ser para os outros?

Escolheria apenas um ser humano com o seu ser totalmente particular?

Escolheria uma dimensão de alguns seres e tornaria tal dimensão um ser separado?[4]

Não há critérios, é preciso escolher e criar uma metafísica.

19. Se em última instância tudo é átomo, então são os átomos que riem e que contam piadas. Como o riso e as piadas aparecem no macro-físico, então estão no micro-físico. Ou, ao menos, nele estão os fundamentos do riso e das piadas. Logo, esses tais átomos não podem ser tão sérios assim.

---

[4] **Como farei na teoria das harmonias.**

20. Um mito sobre o desejo.

"...e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os Deuses..."

"...Zeus: eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós..."

"...desde que nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro."

"...unir-se e confundir-se com o amado e de dois ficarem um só. O motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo; é portanto ao desejo e procura do todo que se dá nome de amor." (Platão, Banquete)

O desejo caracteriza o homem de modo fundamental. Já pela sua essência, o desejo é um motor, leva os seres em direção daquilo que não possuem e é, portanto, um princípio vital de permanência. E as coisas parecem estar tão ajustadas que o desejo já tem uma saída para não morrer, caso se satisfaça num objeto: a sua insaciabilidade. O desejo pode ser pensado como um princípio metafísico que move toda a multiplicidade dos seres particulares que se denomina mundo. Suporei que o seja, assim como Schopenhauer e Aristóteles.

O desejo perdeu o objeto que ele tinha junto a si e o preenchia, porém, o desejo não lembra qual é o objeto que ele perdeu.

Assim, corre desvairadamente atrás de vários objetos, sempre a tomá-los e a jogá-los fora. Ele não pode reconhecer qual o objeto que lhe satisfazia, porque não lembra. Lembra somente de que este objeto o planificava. Muitas vezes encontra objetos que lhe planificam, mas como não lembra como era o seu objeto e também a exata satisfarão plena que sentia, ele imagina que o objeto que possui não é o que possuía (mesmo lhe dando plenitude) e que pode existir um outro que lhe satisfaça mais, o que já é razão para deixar de planificar-se com o que o planifica no presente. E assim corre para outro objeto.

O mundo é o desejo que busca colar os seus cacos, mas que esqueceu o que era sua outra parte e em que consistia este estado remoto. Uma só força, que o domina em todos os aspectos, e em todos os segundos, o comanda nesta busca desenfreada. O grande problema do desejo é que ele nunca sabe se não está se enganando ao largar o objeto que possui, na convicção de que não é ele, e que assim deve continuar a buscar. O desejo não sabe o que busca e, portanto, não sabe se o encontrou ou não. Mas também não há meios de saber. Não é verdade que o desejo nunca encontrará o que busca, pela simples razão de que ele não sabe o que é, e se, por acaso, alguma vez o encontrar poderá largá-lo na ilusão de que outro é o seu objeto.

O desejo vive na convicção de que quando encontrar seu objeto receberá um

sinal de que o encontrou. Não é por isso que ele deixa os objetos e procura outros, mas porque imagina que outros podem estar mais perto do que é o seu objeto.

21. O desejo é insaciável.

Quando o homem realiza tudo, ainda se sente aberto. Mas isso não confirma necessariamente a tese do desejo insaciável.

O que o homem quer? Eis a questão.

a) Talvez ele não tenha ainda encontrado o que quer.

b) Talvez ele não saiba o que quer.

c) Talvez não exista o que quer, porque ele não definiu ainda o que quer. "Não exista" não no sentido de que não existe no mundo o objeto que ele quer, mas simplesmente porque não há nenhuma determinação do objeto desejado.

d) Talvez o desejo seja insaciável: tese do desejo que nada quer, como o desejo cego de Schopenhauer.

22. Um mundo novo.

Posso fazer com vários assuntos o exercício de negar todas as concepções que tenho e rever o assunto sem interpretações. Tenho uma experiência nova do objeto e a exigência de criar uma nova interpretação.

Tal exercício pode ser feito relativamente ao que denomino de universo ou mundo.

Minhas idéias sobre o mundo me dominam tanto que fico tonto ao perceber o universo sem elas.

Penso um universo que não foi criado, existe sem Deus, sem big bang, sem átomos, sem evolução das espécies, ou seja, uma completa negação do mundo da ciência e uma completa negação do mundo religioso e dos sistemas filosóficos baseados nele.

Tal exercício é completamente difícil, mesmo que possa parecer fácil. Tomarei o exemplo de Deus. Negar Deus parece apenas negar a existência de um ser. Mas é, antes de tudo, chocar-se com um universo não ininteligível, mas um universo a espera de inteligibilidade. O universo diz: se eu não sou uma criação de um Deus ou deuses, então o que eu sou? Há três momentos. Um de negar Deus ou o universo criado. Outro, a concepção do universo que não pode ser concebido como criado. Um terceiro, a busca de uma nova teoria. Refiro-me ao segundo momento, em que, depois de negar a criação, estou diante de algo sem concepção.

Devo fazer tais exercícios e entrar sempre nesse mundo novo. A experiência de ficar nele, antes da nova interpretação, já é uma grande experiência filosófica.

23. Ninguém faz o exercício de pensar um mundo sem a criação de Deus. Que alguém tente então por alguns segundos: um mundo estranho e super novo aparecerá.

24. Toda a criação artística é bela, mesmo aquela em que mostra o conflito humano e a feiúra. A vida é obra de Deus. A vida proporciona poucos momentos de prazer, sendo

os restantes de dor, preocupação, tédio, indiferença e intranqüilidade. A arte proporciona um prazer constante. Mesmo se proporciona tensão, ela é prazerosa. Tudo o que ela representa é vida, mas está fora da vida.

Como pode ser que o homem consiga produzir algo mais prazeroso e, portanto, mais perfeito que Deus? E mesmo que tenha sido Deus quem tenha dado o dom artístico ao homem, por que não o aplicou quando produziu a vida? Isso não é uma prova da inexistência de Deus através da arte?

25. Diálogo sobre...

A - Por que existe o ser e não antes o nada?

B - E por que haveria de ser o nada?

Observação:

Se existisse o nada (ou melhor, se pensar na idéia do nada), ainda assim, um filósofo poderia perguntar: por que isso, e não algo diferente? Não é somente o ser que exige uma resposta, também o nada. O espanto/exigência de justificação acontece em ambos os casos. Parece que é o contrário, que somente o ser deve ter uma justificativa. Se penso no nada, fico quieto e tranqüilo, não me atormento. Mas a questão intelectual (mesmo sem tormento) aparece para os dois: para o ser e para o nada. Talvez no fundo da pergunta já exista um desconforto. Assim, quanto ao nada, a questão parece perder todo o interesse.

Mas a questão central é que o ser não deve ser desconsiderado somente porque não tem uma justificativa. Ocorre o mesmo com o nada. A falta de ser é tão absurda quanto a existência. Não é por falta de justificativa que se deve condenar a existência.

Se a existência não tem sentido, o nada também não tem. Contentemo-nos pois com a falta de sentido!

26. Da forma da vida sei tudo, porque sou eu que a produzo, mas do conteúdo tudo ignoro. A metafísica é o auge do conceito. Pela metafísica saberia finalmente o que é o conteúdo da realidade. Ela consegue isso, só que não capta o conteúdo, ela o inventa e continua sendo forma. É uma forma especial, porque ela quer ser o conteúdo, quer preencher o vazio (gnoseológico) que permanece atrás das formas e que as fundamenta.

27. Arrogância.

Não querer ter filhos é uma arrogância. Como se um indivíduo pudesse enfrentar a Natureza.

Um existencialista arrogante ainda poderia acrescentar: "mas pelo menos o meu filho (com seu ser e sua personalidade) eu posso impedir que nasça". Talvez nem isso! Se a Natureza decidiu colocar um ser no mundo (com seu ser e sua personalidade) alguém poderia impedi-la?

28. Dizem que o Universo é imenso e que a Terra e a humanidade são grãos de areia. Mas, por enquanto. só se "provou" isso de um ponto de vista quantitativo. Números astronômicos podem impressionar, mas falta ainda uma grandeza que não seja de matéria, luz, explosão e distância.

29. Algumas metafísicas pretendem que os conceitos de desejo, prazer e dor possam nos ajudar a compreender o ser. Tais conceitos podem ser usados para a vida. Entretanto, a maior parte do mundo é composta de seres inorgânicos em que não existe desejo, prazer e dor.

Não ignoro que Schopenhauer tentou transpor o conceito de querer para todos os seres, mesmo para os seres inorgânicos. Seja como for, creio que a maioria dos metafísicos se esqueceu dos seres inorgânicos, que é quase a totalidade do Universo.

30. A metafísica não é o eterno, é o que desejo que seja eterno.

Alguém poderia dizer que no futuro o homem terá uma morte totalmente diferente da atual. Ele verá um assassino e poderá rir de alegria. Ele ficará triste com a sua existência, mas tomará um remédio trivial e aliviará sua pequena irritação e não mais temerá a morte, porque não sentirá mais nada. Eu não quero isso, eu quero a nossa metafísica. Quero que a metafísica afirme

que a natureza (falsa?) humana seja eterna, quero tal eterno.

31. Metafísico, me escuta. Não subestimes a unidade. Não subestimes a multiplicidade. Não desprezes o poder da bondade. Não desprezes o poder da maldade. Não desprezes o poder da alegria. Não desprezes o poder da dor. Não subestimes o sentido. Não subestimes o absurdo.

32. O ser está também na revolta do ser, na revolta para com o ser, na revolta contra o ser. O ser se diz de varias maneiras. Também na pura revolta com o ser.

33. Os sonhos possuem vários elementos, alguns deles têm sua origem na memória e alguns no dia anterior. Alguns parecem não ter essa origem, mas talvez também tenham. Seja como for, o sonho é um conjunto de representações coladas de uma maneira original. Não interessa aqui as causas e os sentidos dessas colagens. Minha idéia é que todas as representações da vida estão na mente, num depósito quase infinito. E elas estão em determinadas camadas, como num oceano em camadas. A mente que sonha tem uma faculdade que percebe de cima para baixo, numa única linha, uma seqüência dessas representações. Representações de camadas diferentes são reunidas num mesmo bloco. Esse conjunto de representações percebidas compõe um sonho. Várias composições (percepções) podem servir-se do

mesmo oceano de representações. Essa especulação não visa explicar nada, mas pelo menos ela explica uma coisa: porque representações de níveis diferentes de nossa vida são reunidas. E quando me refiro à níveis, não estou pensando apenas no nível temporal, que é certamente alterado, como se fosse uma brincadeira.

34. Por que o pensamento ocidental é sério? Ou ele é somente sério ou ele é pesado.

Pesado como na frase de Macbeth: "A vida nada mais é do que uma sombra que passa, um mau ator que grita e se debate pelo palco e, depois, nada mais se ouve dele. É uma história contada por um idiota, cheia de fúria e tumulto, sem querer dizer nada."

Para o pensamento ocidental, o ser nunca é engraçado ou alegre. E se for engraçado, deve ser também ridículo.

É serio e austero. Se é engraçado, é ridículo, é desprezível. Nunca leve, feliz, gracioso. Mesmo em Nietzsche, a alegria deve ser envolta em violência, e, portanto, em algo pesado.

Não digo que o ser seja alegria ou graça. Mas se os filósofos ocidentais experimentaram de tudo, se essa é sua especialização, por que não experimentaram a alegria?

35. Os sonhos fazem parte do mundo? Os sonhos fazem parte da minha vida, do meu eu?

Como posso me entender, entender o mundo, sem entender os sonhos? Não digo interpretar seus conteúdos, seja de um ponto de vista particular ou geral, mas saber por que existem. Por que há sonhos? É uma pergunta geral que não rivaliza com a pergunta pelo significado de seus conteúdos.

"Quem" criou o mundo, decidiu colocar dentro dele os sonhos. As pedras sonham? Não parece. As plantas sonham? Não parece. Os animais sonham. Os homens sonham. O mundo sonha? Não parece. Não parece uma característica do mundo em geral.

36. A idéia de que o ser humano é finito no tempo pode ser aplicada a qualquer coisa particular ou ao mundo em geral. Entretanto, o aforismo 3 foi concebido para o ser humano.

Livro II: Sentido e identidade da vida.

Teoria do sentido criado-absoluto.

Para iniciar identificarei as teses de que o indivíduo: 1) cria a si mesmo como indivíduo, 2) cria um mundo (não o seu mundo, como mostrarei), 3) cria um sentido (não real absoluto, mas absoluto) e 4)cria um projeto ou vários projetos em sua vida.

O sentido do Universo, ou da vida, pode ser um, e o sentido que o indivíduo pensa para a sua vida, pode ser outro.

O projeto da vida, ou do universo e, portanto, o papel do indivíduo nesse projeto, pode ser um e o projeto (ou os projetos) que o indivíduo elabora para si, pode ser outro.

O mundo pode ser uma coisa e o mundo pensado ou concebido pelo indivíduo, pode ser outra.

O indivíduo pode ter um ser e um papel diferente do seu verdadeiro ser e papel.

1ª hipótese:

Segundo minha hipótese, um indivíduo dá-se um sentido ou projeto, que posso denominar de imanente ou subjetivo, porque só existe para ele. O verdadeiro sentido e projeto da Vida ou do Universo pode ser outro, diferente do seu e, talvez ignorado

pela sua consciência. O sentido ou o projeto do universo ou da vida é o sentido real. O sentido do indivíduo, se for diferente ou oposto ao sentido real, é um sentido subjetivo, que foi criado por sua mente e existe em referência somente a ele mesmo. Posso pensar que a vida, o sentido, o projeto do indivíduo é uma ilusão, mesmo que seja vivida por ele como algo real e verdadeiro. Ao recuar e observar o todo e seu sentido, percebo a ilusão e talvez o ridículo da vida e do sentido individuais. O que o indivíduo pensa ou faz, vale na sua perspectiva, mas nada vale na perspectiva real, do todo, e pode ser considerado, assim, uma mera ilusão. Sendo mais otimista, posso dizer que é um sentido subjetivo. Vive-se um sentido subjetivo e um sentido verdadeiro.

O sentido da vida ou do universo poderia ser o de alcançar um ser humano mais potente sexualmente, ou mais perfeito do ponto de vista da sobrevivência (alimentação) ou, por outro lado, poderia ser o de criar obras musicais, sociedades justas ou computadores sofisticados, etc. Os exemplos não importam e não devem ser valorizados em si mesmos. O que importa é que o sentido do universo (do qual o indivíduo é uma parte diminuta e em que tem o seu papel) pode ser um e o sentido do indivíduo pode ser outro.

Também posso pensar que o sentido subjetivo pode frear, alimentar ou aumentar, etc. o sentido absoluto. Aqui entro num

detalhe da metafísica que posso deixar de lado nessa exposição.

O sentido absoluto (verdadeiro) pode ser ignorado pelo indivíduo e pode ser diferente e ainda pode ser cruel e pérfido, segundo o seu modo de conceber a vida. Posso ser apenas um meio para um fim muito perverso, ridículo e monstruoso – para a minha consciência. No filme Independence Day, a verdade sobre o objetivo dos seres alienígenas foi revelado pelos seres capturados: viajar pelo universo e destruir tudo, o objetivo era somente esse, a destruição pela destruição. Posso também supor que o objetivo último do universo ou da vida é o nada ou a destruição. Seria um objetivo terrível para o ser humano. E talvez seus pensamentos bons e idealistas sejam ilusões que se encaixariam perfeitamente nesse objetivo maior e monstruoso. Essa maldade no objetivo será importante logo a seguir.

O sentido imanente ou subjetivo.

Num primeiro momento, penso esse sentido, ou mundo que crio, como imanente ao sujeito, ou subjetivo, ou mundo-relativo, ou seja, válido somente para ele, mas inexistente numa visão absoluta. A visão absoluta somente vê o sentido absoluto e despreza o sentido criado. Posso dizer então que crio um mundo dentro do qual posso viver, esse mundo é "real" para mim. Mesmo que o mundo-fora-de-mim (real) seja diferente ou contrário, o que vale para mim é o mundo criado.

2ª hipótese:

Agora pretendo ir além desse imanentismo e forjar um conceito de sentido criado e absoluto. Criado significou até agora "algo que está por cima" do real, mas é subjetivo. Absoluto significou o real efetivo, independente do indivíduo. Logo, o verdadeiro sentido do indivíduo é o sentido absoluto, pense o que ele quiser, deseje o que desejar, iluda-se como quiser. (Como disse a ilusão de sentido individual poderia ser algo necessário para o bom cumprimento do sentido absoluto.).

Agora argumentarei que esse sentido criado é também sentido absoluto.

Suponhamos que o mundo seja uma evolução para um sentido A. Suponhamos que o indivíduo esteja dentro do mundo e, portanto, tem um papel no sentido A. Nem que seja um papel de mosca numa guerra. Mas ele também criou o seu mundo, seu sentido, seu projeto, que nada tem a ver com o sentido absoluto.

O sentido foi criado por ele e existe para ele. Existe também para todos aqueles que podem saber do seu sentido e reconheçam como sentido. Os outros podem pensar o projeto do indivíduo e julgar que seu projeto faz sentido. O sentido criado vale também para todos os seres que poderão ter esse saber. (A compreensão do sentido do projeto em questão.) E o sentido criado vale mesmo quando não existir ninguém para pensá-lo (mesmo se o indivíduo, a humanidade e os seres com saber morrerem) porque o sentido

pode vir a ser conhecido por um ser, então ele é um objeto de um conhecimento em potência.

Eis aí o caráter absoluto do sentido criado. Se crio o projeto de uma obra de arte, se vivo para tal projeto e se realizo-o, mesmo parcialmente, isso dá sentido (absoluto) à minha vida, independente do sentido absoluto não criado. Todos os que puderem contemplar tal vida poderão entender o que ela é, qual o seu ser, ou seja, qual foi o seu objetivo, não obstante tal objetivo ter sido criado pelo indivíduo. Deixa de valer então a idéia de que se crio o sentido, ele é somente subjetivo, imanente, válido somente na finitude.

A história de um indivíduo deve fazer parte da história do mundo. Se um narrador fosse contar a história do mundo, não poderia contar somente a história do que costumamos denominar de real. Suponhamos que a história do mundo seja pérfida. Então, o narrador deve contar essa história pérfida e contar a história paralela do projeto do indivíduo. Na história do ser, ou da realidade, deve estar incluído a história pérfida e a história individual. O narrador não conta o que alguém pensou, o que ocorreu somente dentro da sua mente, na imanência, mas o que alguém fez (ação) e viveu, e que aconteceu.

A história do mundo deve incluir a história do indivíduo e seu projeto. A história do ser deve incluir a história do indivíduo. O que ele fez não está em sua

cabeça e fora do ser. O indivíduo incluiu no ser, na história do ser, o que ele fez. Faz parte do mundo, é mundo, é ser. Posso dizer que o indivíduo cria a coisa em si paralela à coisa em si.

Há um pressuposto de que o que crio é subjetivo. O homem não pode criar ser, somente Deus ou a natureza. Por quê?

O sentido absoluto não criado continua existindo junto com o sentido criado. E mesmo que o sentido absoluto não criado seja contrário ao sentido absoluto criado. No fundo, um indivíduo criou um outro mundo. Outro mundo verdadeiro. Não outro mundo subjetivo. O indivíduo criou e é ser. É real.

Nota.

No filme Independence Day, o objetivo monstruoso dos seres se revela no final. Talvez depois da morte, num vácuo temporal, seja revelado o verdadeiro sentido da vida e talvez ele seja também, como no filme, algo monstruoso, sinistro, e totalmente diferente do que foi o sentido da vida concebido por mim.[5] Ainda mais, poderei constatar qual era o sentido real (e perverso) de cada um de meus pensamentos, sentimentos e ações. Poderei constatar que eles não tinham o sentido que julgava ser os corretos. Ainda mais, poderei saber que a minha ilusão sobre

---

[5] Os dois objetivos, o criado e o real, se encaixam perfeitamente no sentido e ação. Mesmo que só ocorra o sentido real do ponto de vista da visão após a morte.

o objetivo dos meus pensamentos, sentimentos e ações era necessária para que o objetivo perverso se realizasse com mais perfeição.

A teoria do sentido e do não-sentido da vida.

1. Pressuponho que o problema da metafísica é o problema de inventar um conceito de vida que abarque o negativo e o positivo. Acredito que nenhum cientista, artista, literato ou filósofo jamais alcançou tal conceito, o que mostra sua extrema dificuldade ou talvez impossibilidade. Meu ponto de partida é a negação de qualquer metafísica que tenha como princípio o negativo ou o positivo, porque o problema central da metafísica consiste em resolver, conciliando, os dois lados da vida e não eliminando um deles.

2. Pressuponho os conceitos de vida como totalidade quantitativa e totalidade qualitativa. A vida pode significar a totalidade numérica de seus momentos, ou seja, todos os seus momentos. E a vida pode significar uma outra totalidade, uma totalidade qualitativa. Esse conceito é intuitivo e, ao mesmo tempo, de difícil definição. Quando alguém diz que a vida é ruim (ou boa) parece não estar se referindo a totalidade dos momentos da vida, portanto, usa um outro conceito de vida.

3. Por sentido não entendo uma finalidade da vida ou dos momentos da vida.

Por sentido entendo algo da própria vida ou dos seus momentos. Quando digo que algo é bom, tem valor ou tem sentido, posso me referir a esse algo somente e não preciso pensar numa finalidade fora do algo e que lhe dê valor.

4. As teorias a serem abandonadas são:

Teoria do sentido: "a vida tem sentido." (otimismo).

Teoria do não-sentido: "a vida não tem sentido" (pessimismo).

E teoria a ser sustentada é a teoria do sentido e do não sentido: "a vida tem sentido e não tem sentido".

5. Algumas fórmulas possíveis:

Na vida existe o sentido e o não-sentido.

Na vida se realiza o sentido e o não-sentido.

A vida tem sentido e não tem sentido (ou tem o não-sentido).

6. Não posso dizer simplesmente que um momento da vida tem sentido (ou não tem sentido). O momento é um acontecimento isolado e pode ter sentido, sem que daí resulte qualquer julgamento sobre a vida como totalidade. Parece que não há nenhuma maneira de experimentar a vida senão a partir de seus momentos, mas da experiência dos momentos devo retirar um juízo não sobre o momento (algo trivial para a metafísica), mas sobre a totalidade da vida.

7. Não posso dizer que a vida (totalidade) tem sentido ou não tem sentido. Essas são justamente a teorias que quero abandonar.

8. No momento, o sentido (todo) da vida aparece. No momento, a vida tem sentido. Ou o contrário.

9. O sentido e o não-sentido se manifestam de várias maneiras e estão entrelaçados. Isso não deve me preocupar numa formulação geral da teoria.

10. Como o sentido se realiza num momento, talvez isso explique porque digo num momento, a partir dele somente: "a vida tem sentido". A frase não significa que a totalidade de vida tenha sentido. Assim como o otimista não quer dizer com "a vida é boa" que toda a vida é boa.

11. (a) vivo um momento com sentido (é indiferente dizer um momento ou vários momentos.); (b) não digo que esse momento tem sentido; (c) digo que a vida tem sentido; (d) digo que a vida toda tem sentido. Quando uma coisa muito boa me acontece, digo espontaneamente: "a vida é boa". Tomo essa expressão como uma afirmação precisa e não apenas como um modo estranho, figurativo, ou exagerado.

É um fato psicológico que totalizo a partir do momento. Afirmo que o fato não é

só psicológico, mas é um fato cognitivo. Ele expressa não um modo de conhecer a vida em si mesma, mas um modo de conhecer ou pretender conhecer. Não se trata, portanto, de um mero modo de sentir o momento, mas de uma inferência do momento para a vida.

Vivo o sentido do momento como o sentido da vida. Não restrinjo o sentido do momento a ele tão somente. O sentido do momento é o sentido da própria vida, da vida inteira. Isso é o que chamo de totalização.

12. Não digo que um momento da vida tem sentido (ou não tem sentido). Se digo isso, restrinjo o sentido ao momento, como o sentido do momento. Nesse caso, o sentido do momento é o sentido do momento. O sentido de vários momentos é o sentido de vários momentos. Posso conceber a vida como um aglomerado de momentos (vida totalidade quantitativa) e aponto para cada um em particular, afirmando o seu sentido ou o seu não-sentido. Não é isso o que ocorre, nem para o vulgo, nem para o metafísico sutil.

13. Vivo o sentido do momento como o sentido da vida. Vivo o não-sentido do momento como o não-sentido da vida. Essa é a questão da metafísica e não a questão de saber se um momento da vida tem sentido ou não tem sentido. Não discuto se os momentos da vida tem sentido ou não-sentido. Parto do princípio de que vários momentos têm sentido e vários não têm sentido. O objetivo da

metafísica é o conceito de vida, de uma totalidade.

14. Quando vivo um momento com sentido não está em jogo o momento, mas está em julgamento a vida. Por isso, nunca digo diante de um momento: "o momento tem sentido", pura e simplesmente. Isso seria completamente insignificante para a metafísica. Por isso, digo a partir do momento que a vida tem sentido. Se pensar apenas: esse momento tem sentido, esse momento tem sentido, etc. nunca poderei explica a expressão: a vida tem sentido e nunca poderei com julgamentos sobre momentos fazer uma metafísica.

15. Não posso dizer que na vida há muitos momentos com sentido e muitos momentos sem sentido e que, portanto, a vida tem sentido e não tem sentido. Nesse caso, tenho uma abordagem quantitativa. Uma abordagem de quantidades de momentos bons e ruins. Muitas pessoas podem fazer um julgamento quantitativo da vida. Deixando de lado o mau gosto dessa abordagem, creio que essa simplificação é o resultado de uma saída mais fácil (ou desesperada) do problema, do problema da relação momento-vida.

16. Nesse momento há o não-sentido, o absurdo, a dor absoluta. Homens morrendo como moscas numa guerra é o absurdo, é a dor pura e a pura maldade. Afirmo então: a vida

não tem sentido. Não digo simplesmente: o momento não tem sentido. Parece que também não me refiro a vida como totalidade quantitativa. Estou me referindo à vida como uma totalidade, mesmo que não saiba que totalidade é essa.

Digo: esse momento é totalmente absurdo e a vida é totalmente absurda.

Julgo a vida pelo momento. Faço uma totalização a partir do momento.

O momento não tem sentido, logo a vida não tem sentido. Tal passagem é um mistério a ser revelado pela metafísica: julgar a vida (que não posso experimentar) pelo momento (que vivo). Isso é assim de fato, o mistério é a lógica implícita aí.

A conclusão que devo tirar é que a vida tem sentido e a vida não tem sentido (ou tem o não-sentido). Isso é contraditório. Ou seja, não quero dizer que a vida é um somatório de sentido e não-sentido. Se fosse assim, não haveria nenhuma contradição. Quero dizer que é totalmente com sentido e totalmente sem sentido. É uma teoria metafísica com duas afirmações contraditórias. Voltarei a esse ponto.

17. Um problema.

(a) o momento tem sentido (ou não-sentido). Não é uma tese sobre a vida.

(b) A vida tem sentido e não tem sentido. É uma tese contraditória.

(c) o momento com sentido (ou não-sentido) mostra que a vida tem sentido (ou

não sentido). Essa tese também é contraditória.

18. Mergulho no momento como um todo e totalizo. Assim, digo que a vida tem sentido ou não tem sentido, se estou mergulhado num momento com sentido ou sem sentido.

Mergulhado no não-sentido, tudo me parece sem sentido Mas não me lembro do sentido? Parece que não, ou parece que ele não vale mais, não é mais sentido. O mesmo ocorre do lado do sentido.

19. Perto da morte, penso que a vida não vale nada. É também uma totalização negativa.

20. O sentido elimina o desespero da morte, o desespero de que a vida não tem sentido e de que tudo não passa de uma luta absurda.

21. O sentido desfaz o desespero da morte. Quando obtenho o sentido, possuo o sentido. A morte não é capaz de roubar o sentido que introduzo em minha vida.

22. Por que não posso somar os momentos de sentido e fazer um balanço da vida? Por que, mesmo tendo vários momentos com sentido, sempre procuro mais e mais? Esse é o tema da repetição, ao qual voltarei.

23. A teoria do sentido parece contraditória, mas pode ser frutífera. O sentido não destrói o não sentido. O não-sentido não destrói o sentido.

O sentido e o não-sentido são contemporâneos. Existem lado a lado. Não que exista uma soma de momentos negativos e positivos. Mas a vida como um todo é negativa e positiva. Essa vida com sentido e essa vida sem sentido são contemporâneas.

24. Nem o negativo grande (o absurdo de uma guerra em que os homens morrem como moscas) destrói o sentido.

25. Quando totalizo a vida com sentido (vida qualitativa) é claro que resta na vida (quantitativa) a parte sem sentido. Do mesmo modo com o não-sentido.

A totalização ocorre justamente porque posso lidar com o conceito qualitativo de vida. Com o conceito quantitativo só posso dividir meu juízo: na vida há coisas com sentido e não-sentido (tese trivial).

26. Numa guerra em que vejo os indivíduos morrerem como moscas, tenho uma idéia do absoluto não-sentido da vida. Contudo, essa percepção não é uma revelação imediata da essência da vida (tese do pessimismo radical) e nem uma ilusão, nenhuma das duas coisas. Tal percepção é sim uma revelação da essência da vida, porque ela é isso, ela é não-sentido. A vida não faz sentido nenhum e esse momento nos mostra

exatamente isso. A vida não tem sentido e a vida tem sentido. Para superar a expressão contraditória talvez tenha que dizer que a vida tem o sentido e tem o não-sentido. Mas nesse momento da guerra, não digo que o não-sentido se realiza na vida, mas que a vida não tem sentido. Preciso mostrar que essa forma de se expressar está correta em seu fundo, mas para isso devo avança na compreensão do problema da totalidade-momento, o problema central metafísica.

27. O homem é terrível. Ele é contra o sentido. É preciso dizê-lo claramente. Ele traz o não-sentido para o mundo, ele destrói a vida. Ele é um autor muito negativo. E as vezes absolutamente negativo, trazendo o não-sentido sob a forma mais perfeita que é o horror da vontade de destruição e sangue que aparece na guerra e que desespera qualquer otimista. Nos horrores da guerra, ou abandono o otimismo, ou abandono as minhas tentativas de compreensão das ações dos homens.

28. Afirmo o horror completo da vida e que ele ocorre sob as mais diversas maneiras. Abstenho-me de expressar isso, porque todo mundo já viveu ou contemplou em outras vidas. Não devo vacilar: a vida é horrível. Isso não é uma novidade. E eu não preciso dar nenhuma aula sobre o que é a vida. E nem preciso esconder o que todos já viram e estão vendo. Ser otimista pura e

simplesmente é uma questão de falta de inteligência.

29. A nota acima deve poder me afastar de qualquer tentativa de identificar minha teoria com um otimismo velado. O que justamente devo fazer é abandonar qualquer perspectiva otimista sobre a vida. É impossível dizer que a vida é boa quando horrores acontecem e continuarão a acontecer com coletividades e na vida particular de cada um. O otimismo é uma cegueira metafísica. Ou mesmo, uma cegueira empírica.

30. O horror (o grande negativo) é "compatível" com o sentido, o positivo. Mas tal não pode significar que a vida é um conjunto (totalidade quantitativa), porque, deste modo, volto a dizer que "esse momento tem sentido, esse não". Perco o julgamento metafísico sobre a vida (totalidade qualitativa).

A teoria do sentido e do não-sentido leva a uma afirmação ilógica. Não tenho porque abandonar uma investigação metafísica porque parece ferir o princípio de contradição. A constatação de uma contradição é apenas um motivo para avançar a investigação, em busca de soluções. As versões abaixo esboçam soluções.

31. Versão da vida inteira no momento.

No momento, vivo a totalidade da vida. Não tenho uma experiência psicológica ou uma ilusão cognitiva. A própria vida está

inteira no momento (não é ilusão, não é só cognitivo, mas é do ponto de vista do ser).

O momento tem sentido. A totalidade da vida está toda nele. Logo, a totalidade da vida tem sentido.

Observação.

Nesse caso, posso até dispensar o conceito de momento. Na medida em que a vida qualitativa está no momento e tem sentido, logo é a própria vida que tem sentido e não preciso da mediação do momento.

Isso leva a contradição. A contradição ocorre na reflexão. Eu vivo (vivo como reflexão e realidade) a vida-todo a cada momento. Se quero conciliar a perspectiva do sentido e do não-sentido é porque penso a vida como conjunto de momentos (todo) ou como algo (não um conjunto) com identidade absoluta. Algo que atravessa idêntico o tempo.

Mas devo também tomar o cuidado para não reduzir tudo ao momento, não quero dizer, como se diz, "a vida não existe, o que existe é o momento, a vida é o momento". Na metafísica, mantenho o conceito de vida e vida como uma totalidade.

Tentarei esclarecer alguns conceitos.

A vida como totalidade quantitativa é o conjunto de tudo o que acontece na vida de um indivíduo. A vida como totalidade qualitativa é uma totalidade que não pode ser reduzida a quantitativa, mesmo que seja impossível defini-la. Cada um tem uma vida e